

Teatro da Vilarinha | 22 de Maio | 18h00

Música Contemporânea

Do Sul ao Norte

Programa

<i>Novo Canto da Sibila (1976)</i> Cl, pf e perc	Jorge Peixinho
<i>Do Tempo (2009)*</i> Sop, fl, cl, vln, vla, vlc, harp, pf e perc	Ana Seara
<i>Docas (2011)+</i> Fl, cl, perc, harp, pf, vl, vla e vlc	Francisco Monteiro
<i>Coração Habitado (1966)</i> MS, fl, pf e vlc	Jorge Peixinho
<i>Oito poemas de Valter Hugo Mãe (2002)*</i> Voz, fl, vl, vla, vlc, harpa e pf	Fernando Lapa
<i>Hellas IV (2011)+</i> Harpa, MS, fl, cl, pf, perc, vl, vla e vlc	Clotilde Rosa

* Encomenda GMCL

+ Estreia

Maestro

João Paulo Santos

Intérpretes

Mezzo-soprano – Susana Teixeira	Piano – Cândido Fernandes
Flauta – João Pereira Coutinho	Violino – José Machado
Clarinete – Luís Gomes	Violeta – Ricardo Mateus
Percussão – Fátima Pinto	Violoncelo – Jorge Sá Machado
Harpa – Ana Castanhito	

Novo Canto da Sibila (1976), Jorge Peixinho

É uma obra para clarinete, piano e percussão, terminada por Jorge Peixinho a 1 de Setembro de 1976. A partitura contém, ainda, uma proposta de “projectores de luz e de perfume”. Trata-se de uma peça fortemente dramática onde o espaço sensorial sonoro – de índole fortemente onírico, como em grande parte das obras de Peixinho – está associado a uma forte presença física dos músicos, a um jogo de luzes em palco e até à expansão de um odor específico na sala. Foi dedicada ao clarinetista Jesús Villa Rojo e estreada em Madrid pelo LIM (Laboratorio de Interpretación Musical). É das poucas obras de Jorge Peixinho editadas, publicada pela Salabert de Paris. Em 1981 veio a ser revista dando origem ao “Novo Canto da Sibila”.

Francisco Monteiro

Do Tempo (2009), Ana Seara

Do tempo

Deus nos pede do tempo estreita conta!

É preciso dar conta a Deus do tempo!

Mas como dar, do tempo, tanta conta,

Se se perde sem conta tanto tempo?!

Para fazer a tempo a minha conta,

Dado me foi por conta, muito tempo,

Mas não cuidei no tempo, e foi-se a conta...

Eis-me agora sem conta...eis-me agora sem tempo...

Ó vós que tendes tempo e tendes conta,

Não o gasteis, pois nunca, em passatempo,

Cuidai enquanto é tempo, o terdes conta.

Ah! Se quem esta conta de seu tempo

Tivesse feito, a tempo, preço e conta,

Não chorava, sem conta, o não ter tempo.

Docas – I Allegro II – Adagio III – Allegro (2011), Francisco Monteiro

Trata-se de uma obra iniciada em 2009 e acabada em 2011, dedicada ao G.M.C.L., inspirada na singularidade de uma cidade com docas: a azáfama das máquinas, dos navios, a nostalgia dos marinheiros, a chegada ao porto, o passeio na cidade e, depois, o apelo do navio, do mar e da partida, numa nova azáfama dos embarcadouros.

É, ainda, uma obra que propõe uma visão estética sobre a música de hoje: derrubando barreiras estilísticas, incorporando estruturas de géneros “menores”, insistindo na participação corporal tanto da performance como da escuta, propondo uma reflexão sobre os caminhos enviesados da música (Erudita? Canónica?) de hoje.

Francisco Monteiro

Coração Habitado (1966), Jorge Peixinho

Foi escrita em Lisboa em 1966, para mezzo-soprano, flauta, violoncelo e piano. Utiliza uma escrita vocal vanguardista, aproveitando não só as capacidades tradicionais dos cantores líricos como as virtualidades expressivas da voz, em múltiplas consoantes e vogais, de um texto feito de excertos retirados de um ciclo de poemas de Eugénio de Andrade. A voz não canta melodias mas a própria expressividade latente, integrando-se como um instrumento extraordinário num conjunto de três outros, também eles campos surpreendentemente férteis de sons, harmonias e timbres.

Francisco Monteiro

Oito Poemas Breves de Valter Hugo Mãe (2002), Fernando Lapa

Esta peça tem uma ambição simples: deixar respirar os poemas breves e sugestivos do poeta. Eles são uma espécie de diário de sensações e emoções, onde o sol, a praia, o corpo ou a morte adquirem uma posição central. Predomina um ambiente descritivo. Horizontal.

Com o primeiro poema – “Este é o cemitério dos meus dias: Aqui os sepulto, um a um, pormenorizadamente.” – se estabelece o enquadramento de um seu livro (“o sol pôs-se calmo sem me acordar”), de onde retirei os sete outros poemas sobre que trabalhei.

A forma geral da peça é, em consequência, muito simples. Cada poema é um lugar único. Daí o seu tratamento individualizado, assumido ao nível do tratamento da voz e das sonoridades adjacentes. Como traço de união, estabelecendo o fio que tece estes vários momentos breves, há uma textura simples e neutra, algo mecanicista e abstracta, no início apresentada pelo piano e lá mais para diante assumida pelas

cordas, até aparecer em sobreposições elementares, em jeito de “stretto”, antes do fim.

A linguagem é descomplexada e livre. (Nunca me preocuparam muito as matrizes, as escolas ou as famílias. Muito menos os rótulos.) Os intervalos de segunda maior e de trítono desempenham no entanto um papel central na definição dos perfis horizontal e vertical, bem como na ambiência de diversas texturas.

Encomendada pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, esta obra é dedicada a esta formação histórica da música contemporânea portuguesa.

Fernando C. Lapa

HELLAS IV (2011), Clotilde Rosa

Nova e última reestruturação da minha obra “HELLAS” para harpa solo com algumas intervenções de gong – dos anos oitenta e que se foi transformando ao longo de, mais ou menos, duas décadas em obra aberta podendo ser executada por vários grupos de instrumentos. Como “HELLAS” para harpa foi estreada pelo harpista Mário Falcão, na Ilha do Homem, em Inglaterra, há já bastantes anos por ocasião de um Congresso de Harpa. Estas minhas obras desde primeira “HELLAS” para harpa solo, meu instrumento profissional, foram-me inspiradas pelo ambiente que vivi nos anos oitenta, por ocasião dum Congresso da “SIMC” onde estive com Jorge Peixinho, que fazia parte da direcção dessa Associação Internacional de Compositores, e com Carlos Franco que foi representar Portugal como delegado a convite do nosso saudoso amigo, colega e mestre que connosco fundou o GMCL. Pequenos poemas gregos de Agaménon e Omiros, extraídos por mim do livro “La Couronne et la Lyre” de Marguerite Yourcenar, traduzidos a meu pedido na Embaixada da Grécia, onde muito gentilmente me ensinaram a pronunciar em grego moderno, claro. Criei assim um clima de tragédia grega como pretendi e sempre me fascinou ao longo da minha vida.

Clotilde Rosa, 2011

GRUPO DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA DE LISBOA

Fundado em 1970 por Jorge Peixinho, com a colaboração de Clotilde Rosa, Carlos Franco e António Oliveira e Silva, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa (GMCL) é o primeiro grupo português de música contemporânea, desempenhando um papel histórico de vanguarda na abertura da sociedade portuguesa à estética musical

do nosso tempo.

A sua primeira apresentação pública aconteceu no Festival de Sintra 1970, mantendo, desde então, uma constante regularidade nas suas apresentações no país, incluindo gravações para a rádio e televisão. Em 1972, teve a sua primeira deslocação ao estrangeiro, ao Festival de Arte Contemporânea de Royan.

Ao longo dos seus 40 anos de existência, O GMCL apresentou-se em vários Festivais de Música Contemporânea, nomeadamente em Amsterdão, Bamberg, Bayreuth, Belo Horizonte, Bruxelas, Madrid, Nice, Roterdão, Santos, São Paulo, Sevilha, Siena, Turim, Valência, Varsóvia e Zagreb. Em Portugal, destaca-se a sua participação regular nos Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea e ainda nos Festivais do Estoril, Coimbra, Europália 91 e T.N. S. Carlos, entre outros.

A discografia do GMCL compreende predominantemente obras de Jorge Peixinho, com várias interpretações dirigidas pelo próprio compositor, para além de numerosas criações de outros compositores portugueses. Tem recebido sempre o aplauso da crítica especializada portuguesa e internacional. O Grupo gravou também obras de compositores portugueses para a Tribuna Internacional de Compositores e participou em várias obras originais para teatro, cinema e multimédia.

O GMCL foi distinguido com a medalha de Mérito Cultural atribuída pela Secretaria de Estado da Cultura, como reconhecimento da sua actividade de divulgação da cultura musical contemporânea nacional e estrangeira.

Divulgar obras de autores portugueses contemporâneos, com incidência na obra de Jorge Peixinho, é o cerne da missão do GMCL. Apoiado pelo Ministério da Cultura, desenvolve desde 2000 um projecto de encomendas de obras a compositores com a sua respectiva apresentação pública e divulgação. Paralelamente, o GMCL desenvolve uma acção pedagógica de divulgação, de criação de públicos e de formação de novos maestros e intérpretes.

Em 2010 o GMCL apresentou-se em França e Espanha e em Portugal no Centro Cultural de Belém, Casa da Música e Culturgest.